

## PRÍNCIPE HORTELÃ

João Miguel Fernandes Jorge

Atravessou a rua.  
Parou no passeio oposto,  
mesmo defronte.  
Aí ficou  
decidido a não mexer-se mais.

A vila animava-se.  
Viam-se rapazes a caminho  
da escola,  
o portão gradeado abria  
sobre as rosas do inverno.

Olhava para outro lado  
alheado a brincadeiras de  
qualquer espécie.  
Cercava-o o vento  
tinha no sangue uma natureza  
aldeã.

A imobilidade era o seu domínio.  
Durante todo o tempo  
não dera um passo  
não esboçara um único movimento.  
Alguns animais selvagens são  
assim perante a morte  
e o perigo.

No entanto  
os seus lábios moviam-se,  
sei-o agora,  
para proferir raras e  
breves sílabas.

Era quase verdade.  
Não seguia qualquer ideia sob  
o nevoeiro e a noite.



Rodeava-o uma vila.  
O acaso trouxera-o  
àquele cenário  
como se tivesse sempre ali vivido.  
Era o seu criador.  
Conhecia a vida de todas as  
casas,  
seguia o fio dos sonhos  
o despertar sobressaltado.

No café,  
ao redor de mesas escuras  
e polidas pelo uso,  
manipulava cartas encardidas.

Uma vez mais  
na obscuridade do quarto  
escutaria  
os ruídos e a noite.  
Príncipe meu príncipe hortelã.

(de *À Beira Do Mar De Junho*,  
coleção *Inverso*, Regra do Jogo,  
no prelo).

---

A seguir,  
trabalho de ANA MARCHAND